

# Índios gigantes mudam aldeia para outro local

ESP 16-6-72

Do Correspondente em Cuiabá e da Sucursal de Brasília

A maior aldeia dos índios Kranhacãcores, às margens do rio Peixoto de Azevedo, foi queimada e eles aparentemente se mudaram para um local mais próximo das suas roças. O tenente-coronel José Meirelles, comandante do 9.º BEC, afirmou que fez um vôo sobre as roças dos índios e que lá se erguem construções novas, com palhoças cobertas de palhas no mesmo estilo das anteriores. A razão principal dessa mudança seria a proximidade das colheitas e não uma atitude de fuga dos indígenas, ante as tentativas de aproximação da Funai.

Essa conclusão é dos sertanistas da Funai que estão empenha-

dos na missão de fazer os primeiros contatos com essa misteriosa tribo que se supõe ser formada por índios gigantes. O sertanista Claudio Vilas-Boas, que chefiou a expedição de contato com os Kranhacãcores, afirmou que uma boa prova disso é que os presentes que têm sido deixados para os índios foram retirados e em seu lugar são deixados outros. Isto prova que não há desconfiança nem medo da parte deles. O tenente-coronel José Meirelles informou ainda que Orlando Vilas-Boas, que se encontrava na base de Cachimbo, partiu para a região do rio Peixoto de Azevedo para integrar a equipe chefiada por seu irmão Claudio. Junto dele seguiu um médico da Funai.

Quanto ao encontro com os índios gigantes, os sertanistas preferem não marcar uma data. Eles estão mais preocupados com o êxito da missão do que com o momento do encontro. E até agora, tudo parece estar indo muito bem: os Kranhacãcores têm voltado constantemente às proximidades do acampamento da expedição da Funai, de onde às vezes se pode escutar até mesmo suas vozes, especialmente imitando passaros ou animais. A noite, é comum avistar-se vultos que se locomovem entre as sombras, mas até agora não demonstraram nenhuma atitude agressiva.

Para os sertanistas tudo isto é uma boa indicação de que tudo vai bem, bastando esperar o momento certo para tentar o contato direto, sem o risco de pôr todo o trabalho a perder.

### Dessa vez a luta é apenas no campo

No passado, xavantes e carajás eram ferrenhos inimigos nas selvas, travando lutas violentas e intermináveis. Agora, porém, já civilizados, as duas tribos vão-se defrontar de uma outra maneira: num campo de futebol, amanhã, no estádio "Pelezão", de Brasília. Para mostrar o espírito esportivo com que encara a contenda, um dos chefes xavantes que acompanha a sua delegação recebeu ontem os jogadores do time carajá, usando um grande colar de plumas brancas, que indicam a paz.

O jogo está sendo esperado com muito interesse porque é uma revanche que os xavantes dão aos carajás: recentemente eles venceram os seus tradicionais inimigos por 1 a 0. Os ingressos para a partida já foram quase todos vendidos e por isto muita gente está achando que o "Pelezão" vai ficar lotado amanhã. A renda é destinada à Barraca do Amazonas, na Feira dos Estados.

O treinador dos carajás, o indígenista José Maria Belfort, informou que seu time começará jogando num 4-3-3, evoluindo depois para um 4-2-4. O jogo será disputado com os jogadores usando quedis, o que foi a solução encontrada para um pequeno impasse: enquanto os carajás já se acostumaram ao uso das chutei-

ras, os xavantes somente jogam descalços. A única coisa que assistiu um pouco os encarregados de conseguir os quedis foi o tamanho deles: alguns pares tiveram que ser numero 46.

Num treino realizado ontem, os carajás venceram o time da Polícia Militar de Brasília, por 2 a 0, demonstrando um grande vigor físico, além de impressionar a platéia com varios e bonitos dribles. Depois do jogo, um dos índios explicou a razão do seu bom preparo físico: "Treinamos todos os dias, durante quatro horas, carregando um tronco de palmeira às costas, num percurso de quatro quilômetros".